

O LEITOR FERNANDO PESSOA E A ANGLICIDADE: A biblioteca do poeta fingidor

THE READER FERNANDO PESSOA AND ANGLICITY: The pretender poet's library

Thiago Santos Pinheiro Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR)

thiagosoueu@gmail.com

RESUMO

Escrito em tom ensaístico, este artigo busca apresentar traços gerais da biblioteca particular de Fernando Pessoa, no intuito de auxiliar na percepção das interfaces entre o Pessoa leitor e o Pessoa escritor. O que está no fundamento da proposta deste texto é a identificação da leitura formativa, muito mais do que fazer uma análise exaustiva de algum tema recorrente nos textos do grande poeta português e seu respectivo paralelo com seu acervo. A indagação que instiga essa investigação questiona a respeito daquilo que seria a substância axial, nas leituras de Pessoa, que apontariam para um horizonte peculiar na sua construção enquanto escritor. Esse elemento é apontado como a anglicidade, ou a formação da Inglaterra Vitoriana, de modo que aquilo que é revelado nos textos pessoanos conecta-se à sua formação de matriz inglesa. A investigação foi conduzida por meio de uma pesquisa documental – através das cartas e títulos dos livros presentes na biblioteca de Fernando Pessoa – seguida de uma reflexão crítica a respeito das características que se identificavam ao longo da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE:

Fernando Pessoa. Anglicidade. Biblioteca. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

Written in an essayistic tone, this article aims to present general features of Fernando Pessoa's private library, seeking to collaborate for the perception of the interfaces between Pessoa as reader and Pessoa as writer. What underlies the proposal of this text is the identification of the formative

reading, much more than making an exhaustive analysis of some recurrent theme in the texts of the great Portuguese poet and its respective parallel with his collection. The question that instigates this investigation questions what the axial substance would be, in Pessoa's readings, that would point to a peculiar horizon in his construction as a writer. This element is pointed out as anglicity, or the formation that came from Victorian England, so that what is revealed in Pessoa's texts is connected to his formation on an English background. The investigation was conducted through documentary research – through the letters and titles of the books present in Fernando Pessoa's library – followed by a critical reflection on the characteristics that were identified throughout the research.

KEYWORDS:

Fernando Pessoa. Anglicity. Library. Reading. Writing.

INTRODUÇÃO

“O que você lê?”. Essa é uma pergunta que comumente um aprendiz faz ao seu mestre ou a alguém admirado por deter um notório saber. Vou apelidar essa pergunta de “pergunta da biblioteca”. Muito mais do que levantar dados afetivos/biográficos sobre um distinto escritor, a pergunta da biblioteca perpassa a formação cultural e intelectual, tanto para tentar compreender um escritor quanto para se aproximar do seu aparato teórico.

Neste ensaio, a pergunta da biblioteca é feita a Fernando Pessoa. Pretendo abordar o acervo do poeta dos heterônimos como uma grande metonímia de sua formação enquanto leitor e escritor. A pergunta que inquire como Fernando Pessoa se tornou quem é, ou, pelo menos, essa figura que a literatura conhece, perpassa inevitavelmente a indagação sobre o que Pessoa leu, por que realizou justamente tais leituras, qual o objetivo de ter adquirido justamente aqueles livros. A resposta a essa pergunta revela que o escritor português foi formado na matriz inglesa.

As cenas da leitura e as cenas da escrita estão intercruzadas. Pessoa leitor e Pessoa escritor são duas instâncias de difícil determinação, tornando-se impossível desvencilhar uma da outra. Aliás, talvez a palavra “fronteira” que, *mutatis mutandis*, pode se apresentar intercambiável com

“intercruzamento”, seja um bom vocábulo para dizer quem era Fernando Pessoa: a fronteira entre dois continentes – Europa e África; a fronteira entre dois países – Portugal e África do Sul; a fronteira entre duas línguas – português e inglês; a fronteira entre uma “p[P]essoa” e várias – o ortônimo e os heterônimos... Essas são as fronteiras de sua formação, e que se percebem em uma fronteira ainda maior: a do texto lido e a do texto escrito.

A fim de fazer tais apontamentos, lança-se mão de um material disponibilizado *online* no *site* da Casa Fernando Pessoa, em que se encontram digitalizadas obras que compunham o seu acervo particular¹. Além disso, apresentam-se trechos de sua correspondência particular. Dada a impossibilidade de realizar um trabalho exaustivo sobre a sua biblioteca, realizam-se pelo menos três abordagens à biblioteca de Fernando Pessoa: a sua caracterização geral; as implicações advindas da presença majoritária de obras de língua inglesa em sua biblioteca, bem como o contexto que Pessoa foi formado; temas e reflexos decorrentes de sua formação.

Realizando esses três movimentos, busca-se pensar como o autor, cuja pátria era a língua portuguesa, tinha como fonte a cultura oriunda da anglofonia. Seria a declaração sobre a sua filiação pátria apenas mais um dos muitos fingimentos inerentes a todos os poetas? Será que a sua biblioteca permite entrever mais essa máscara?

UMA BIBLIOTECA MULTILÍNGUE E PLURAL

De acordo com as informações presentes no site da Casa Fernando Pessoa, a sua biblioteca é composta por 1.312 títulos, dos quais 1.060 encontram-se na Casa Fernando Pessoa, e o restante dividido entre a Biblioteca Nacional Portuguesa (BNP) e a família do escritor. A parte que está na BNP encontra-se catalogada como Espólio n.º 3, sendo os espólios de Eça de Queiroz e o de Luís de Magalhães, respectivamente, o n.º 1 e o n.º 2.

1. Disponível em: <<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/index.htm>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

Estima-se que o acervo particular de Fernando Pessoa começou a ser formado ainda em sua infância, quando o poeta tinha apenas 9 anos. O livro mais antigo data do dia 5 de fevereiro de 1898, conforme a referência à data escrita em latim (V-II-MDCCCXCVIII) que Pessoa fizera nesse livro. O título do livro é *First Latin Course*. Outro livro também do ano de 1898 é *The Remarkable Adventure of Walter Trelawney*, presenteado a Pessoa no dia 20 de dezembro daquele ano. Já os últimos livros de que se têm notícias são *Histoire de la Franc-Maçonnerie Française*, de Albert Lantoiné, publicado no ano da morte de Pessoa (30 de novembro de 1935), e *Desaparecido: poemas, de Carlos Queirós*. Esse último contém uma dedicatória de Queirós datada de 31 de outubro de 1935.

Pessoa tinha em sua biblioteca obras que versavam sobre os mais variados conteúdos, cujos temas abarcavam desde os conhecimentos científicos (matemática, medicina, ciências naturais), até âmbitos de cunho metafísico/religioso (teologia, filosofia, artes etc.). Desde 1898 até o ano de sua morte, portanto, Fernando Pessoa passou a vida montando o seu acervo. Acredita-se que muitos desses livros tenham sido doados pelo próprio Pessoa a amigos e pessoas queridas. Dentre esses escritos estavam revistas, livros, recortes de imprensa, jornais etc. Já foram encontrados, entre recortes soltos e livros, textos escritos em pelo menos 8 idiomas, sendo que metade desses textos está em inglês.

A biblioteca de Fernando Pessoa vem sendo cuidadosamente estudada e organizada, de modo a facultar o estudo e a pesquisa de quem faz a pergunta da biblioteca em relação a Pessoa. No *site* da Casa Fernando Pessoa, em sua apresentação a respeito da organização e classificação da biblioteca do poeta português, encontra-se o seguinte:

A biblioteca abrange todas as classes de conhecimento e foi subdividida seguindo o sistema de Classificação Decimal Universal (CDU): Classe 0 – Generalidades (títulos: 24; volumes: 30). Classe 1 – Filosofia e Psicologia (títulos: 163; volumes: 175). Classe 2 – Religião e Teologia (títulos: 75; volumes: 83). Classe 3 – Ciências Sociais, Direito e Administração (títulos: 77; volumes: 83). Classe 4 – Classe vaga (a biblioteca não apresenta títulos ou volumes). Classe 5 – Matemática e Ciências naturais (títulos: 33; volumes: 33). Classe 6 – Ciências aplicadas, Medicina e Tecnologia (títulos:

11; volumes: 11). Classe 7 – Arte, Belas-Artes, Recreação, Diversões, Desporto (títulos: 11; volumes: 11). Classe 8 – Linguística, Filologia, Literatura (títulos: 594; volumes: 641). Classe 9 – Geografia, História e Biografias (títulos: 72; volumes: 75) (Casa Fernando Pessoa, citação adaptada).

Como era de se esperar, a maior parte do seu acervo é composta por livros de Linguística, Filologia e Literatura, que, em números arredondados, corresponde a 56% das obras. Em segundo lugar, aparecem os livros sobre Filosofia e Psicologia, somando um montante de 15%. Os livros da área de Religião e Teologia estão em proporção equivalente em relação aos escritos da de Ciência Sociais, Direito e Administração (7% ambas). Assim, 85% do que Pessoa era, pelo menos levando a cabo os pressupostos da pergunta da biblioteca, concentravam-se nessas quatro grandes áreas.

É relevante pensar em como esses temas estavam presentes em seu cotidiano. Um mergulho em suas cartas², algo que seria praticamente impossível fazê-lo agora, revelaria a preocupação que Pessoa tinha em relação à literatura e a assuntos metafísicos/religiosos. Nas correspondências, ele sempre retoma temas e eventos efervescentes em sua época, emitia opinião sobre os livros de seus companheiros, além de elaborar teorias sobre assuntos de cunho religioso, como em uma carta endereçada a sua tia Anica, em 24 de junho de 1916, na qual lhe explica que se tornara médium e que vinha desenvolvendo a sua habilidade mediúnica. Ele, inclusive, cita o infortúnio do seu amigo Mário Sá-Carneiro, atrelando-o ao contexto da sua mediunidade:

Descobri uma outra espécie de qualidade mediúnica, que até aqui eu não só nunca sentira, mas que, por assim dizer, só sentia negativamente. Quando o Sá-Carneiro atravessava em Paris a

2. No site da Casa Fernando Pessoa é possível encontrar o material epistolar, resultado de longos anos de correspondência que o poeta manteve com artistas, familiares, amigos e com alguns dos heterônimos. Saltam, porém, aos olhos a troca de cartas com Ofélia Queiroz, cuja compilação resultou em um importante livro que revela os textos epistolares de Pessoa (Cf. Zenith, 2013).

grande crise mental, que o havia de levar ao suicídio, eu senti a crise aqui, caiu sobre mim uma súbita depressão vinda do exterior, que eu, ao momento, não consegui explicar-me. Esta forma de sensibilidade não tem tido continuação. Guardo, porém, para o fim o detalhe mais interessante. É que estou desenvolvendo qualidades não só de médium escrevente, mas também de médium vidente. Começo a ter aquilo a que os ocultistas chamam “a visão astral”, e também a chamada “visão etérica” (Pessoa, *Carta à Tia Anica*).

Enfim, esse é apenas um pequeno modo como se pode partir da pergunta pela biblioteca e percorrer as fronteiras pessoanas, especialmente, aquela entre teoria e cotidiano. O fato é que os numerosos temas, volumes e títulos que ocupavam as estantes de Pessoa ocupavam também suas elucubrações.

A MINHA PÁTRIA É A LÍNGUA PORTUGUESA?

A eloquente assertiva pessoana, posta em forma de indagação no título desta seção, é passível de receber uma interpretação diferente, tanto a partir da biografia de Pessoa quanto com base nos acervos que compunham a sua biblioteca. Mais da metade dos livros é composta por obras em inglês, o que coaduna com a sua vivência em Durban, África do Sul. A formação intelectual de Pessoa deriva da mais refinada instrução que um jovem médio da África do Sul poderia receber.

Ao regressar para Lisboa, aos 17 anos, Pessoa era um português anglófono. Seu referencial de livro, sua instrução formal e a sua língua cotidiana estavam de acordo com os padrões da Inglaterra Vitoriana. Naturalmente, seria temerário dizer que Camões não fizera parte de sua formação, ou que os laços com a cultura portuguesa foram quebrados de uma vez por todas. O fato, no entanto, é que o referencial de Pessoa foi o inglês, língua essa que ele utilizava até para realizar as anotações nas margens dos seus livros e dos seus manuscritos. Sobre isso, é relevante trazer um excerto de uma carta que ele envia a Armando Côrtes-Rodrigues, em 4 de setembro de 1916:

[...] Além disso, vou fazer uma grande alteração na minha vida: vou tirar o acento circunflexo do meu apelido³. Como (nas circunstâncias adiante indicadas) vou publicar umas coisas em inglês, acho melhor desadaptar-me do inútil, que prejudica o nome cosmopolitamente (Pessoa, *Carta a Armando Côrtes-Rodrigues*).

Em outra carta, endereçada a João Gaspar Simões em 11 de dezembro de 1931, Pessoa escreve: “Tenho elementos próprios naturalmente semelhantes a certos elementos próprios do Pessanha; e certas influências poéticas inglesas, que sofri muito antes de saber sequer da existência do Pessanha, actuam no mesmo sentido que ele” (Pessoa, *Carta a João Gaspar Simões*). Já na carta a Tomaz Colaço, datada de 15 de fevereiro de 1934, Pessoa envia a seguinte mensagem ao amigo:

Quanto à tal nota em inglês, vou ver o que posso fazer. Conhecendo já melhor – *de visu*, por assim dizer, e porque é certo assim dizer – a índole de Fradique, talvez consiga arranjar qualquer coisa em inglês que se aproveite. Conto poder enviar-lhe essa tal nota até sábado, ou segunda-feira o mais tardar. Digo “talvez consiga” porque, por qualquer motivo que ignoro, consigo, em geral, ser mais simples em inglês do que em português (Pessoa, *Carta a Tomaz Colaço*)

Quanto a esse último excerto, é de se perguntar se ele realmente ignorava o motivo de possuir mais familiaridade com o inglês do que com o português. Pode ser que a resposta esteja em sua formação intelectual. Além disso, justapondo-se o acervo pessoano e os trechos epistolares ora citados, percebe-se uma iluminação mútua, de modo a entender que a relação que o poeta português mantinha com o contexto anglófono advinha dos livros que lia, como integrantes de sua formação.

Dentre os escritos e obras pessoanos em língua inglesa, encontram-se traduções técnicas, poemas em homenagem a Walt Whitman, sonetos, poemas e vários esboços. Não obstante, as temáticas que permeavam suas

3. Sobrenome, no português europeu.

linhas não são imediatamente portuguesas. Os livros de Pessoa contam-nos justamente isso: os percursos filosófico, filológico, formativo advieram da Inglaterra Vitoriana. Ao lado disso, nota-se a presença de obras do Romantismo Inglês em seu acervo, o que ajuda a compreender alguns aspectos de sua obra.

Antes, porém, de se comentarem os temas advindos de sua formação, é oportuno, aqui, citar um trecho de uma correspondência de 1932, em que Pessoa escreve o seguinte a José Osório de Oliveira, após o seu amigo lhe ter feito a pergunta da biblioteca:

Recebi, há cinco minutos, a sua pergunta: “Quais foram os livros que o banharam numa mais intensa atmosfera de energia moral, de generosidade, de grandeza de alma, de idealismo?”. Respondo, como vê, imediatamente. [...] Em minha infância e primeira adolescência houve para mim, que vivia e era educado em terras inglesas, um livro supremo e envolvente – os “*Pickwick Papers*”, de Dickens; ainda hoje, e por isso, o leio e releio como se não fizesse mais que lembrar. Em minha segunda adolescência dominaram meu espírito Shakespeare e Milton, assim como, acessoriamente, aqueles poetas românticos ingleses que são sombras irregulares deles; entre estes foi talvez Shelley aquele com cuja inspiração mais convivi. No que posso chamar a minha terceira adolescência, passada aqui em Lisboa, vivi na atmosfera dos filósofos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura da “*Dégénérescence*”, de Nordau. Depois disto, todo o livro que leio, seja de prosa ou de verso, de pensamento ou de emoção, seja um estudo sobre a quarta dimensão ou um romance policial, é, no momento em que o leio, a única coisa que tenho lido. Todos eles têm uma suprema importância que passa no dia seguinte. Esta resposta é absolutamente sincera. Se há nela, aparentemente, qualquer coisa de paradoxo, o paradoxo não é meu: sou eu (Pessoa, *Carta a José Osório de Oliveira*).

Se eu fosse o interlocutor do poeta fingidor, eu lhe enviaria outra carta com a seguinte indagação: “e Camões, Fernando? Cadê Eça de Queiroz na sua prateleira?”. A despeito de o pai da língua portuguesa estar representado na biblioteca de Pessoa, ele não o cita aqui. Todavia, o autor de *O primo Basílio* não possui exemplar catalogado no acervo pessoano, mesmo ele tendo falecido no ano em que Pessoa completaria 12 anos.

A pergunta de José Osório de Oliveira não é outra, senão: “como você se tornou quem é?”. Perguntar a um indivíduo o que ele lê é uma tentativa de rastrear o perfil desse indivíduo, de saber como ele foi forjado. Pessoa não estava alheio à pergunta latente ao ato locutório, e a sua resposta deflagra qual era a sua pátria intelectual: um cosmopolita que habitava nas fronteiras. É assim que Caeiro, Reis, Campos e tantos outros nasceram. A sua biblioteca formou alguém cuja poesia nem sempre permitia ver que a mão que escreveu “vivi, estudei, amei, e até cri./E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu” (Pessoa; Campos, 2015, p. 290) é a mesma que anotou: “agora que sinto amor/tenho interesse no que cheira” (Pessoa; Caeiro, 2010, p. 80). Assim, ao falar sobre o que lia, ele parece adiantar a ideia de que o paradoxo não é questão de pertencer a ele, mas sim de coincidir com o seu eu.

ALGUMAS REFERÊNCIAS DE PESSOA SOBRE OS LIVROS

Na seção anterior, mencionei o contexto inglês marcado pela Era Vitoriana e pelo Romantismo. Neste tópico, porém, trago um exercício interpretativo sobre o lugar de formação de Fernando Pessoa, orientado pela pergunta da biblioteca. Vejo na relação entre a Inglaterra Vitoriana e o Romantismo Inglês o nascimento de uma atmosfera que traria dois temas caros na obra pessoana: subjetividade e niilismo, dois temas que formariam o *Oberbegriff* da obra pessoana, e que estariam intimamente ligados aos livros da prateleira de Pessoa.

Diante da grandeza desses temas – subjetividade e niilismo – limito-me a mencioná-los aqui como uma espécie de *leitmotiv* em seu corpus, ou para os desenvolvimentos ainda mais minuciosos que viriam a surgir em seu labor poético. Por meio de tais temas, indica-se uma forma de rastrear a influência que Pessoa recebeu. Seus escritos, tanto na forma quanto no conteúdo, refletem alguém que leu Shakespeare, Milton, Byron.

Os dois citados temas, niilismo e subjetividade, estão interligados em bases similares. Ambos são vistos tanto no Romantismo Inglês quanto na herança vitoriana, em que eram percebidos temas como o espectro da morte,

a nulidade, a vacuidade, a desconfiança a despeito do progresso. A heteronomia e a estética talvez fossem motivos mais significativos e relevantes do que a autonomia e a ética, ou, pelo menos, a noção de se possuir (ou ser) um *self* plenamente realizado.

Em vista disso, o niilismo se mostra como uma desilusão que afeta objetos, relações, substantivos concretos e abstratos, de modo que eles ficam no resvaladiço solo de uma vida sem sentido. Nascem, assim, o pessimismo, a falta de sentido e a relativização. É recorrente na obra pessoana uma indagação, ora velada, ora explícita, a respeito do sentido das coisas, do valor intrínseco que elas têm na realidade. Tudo é tocado pela dúvida e pela desconfiança, até mesmo a esfera do sagrado é mirada pela fresta da dúvida. Em um contexto assim, é comum que a desesperança se instaure, e o risco de perder o próprio eu seja uma ameaça a efetivar-se. O niilismo se apresenta em uma constante dialética, uma tensão entre o querer ceder ao infortúnio e a recusa a se esmorecer.

Ao se postar no limiar da esperança e desesperança, Pessoa parece usar uma espécie de “faz de conta”, ao desejar sustentar algum tipo de beleza e valor no mundo. Ou seja, ainda que o niilista observe alguma cor ou beleza naquilo a que olha, o olho que fora tocado pelo niilismo não consegue deixar de perceber e considerar o esqueleto que jaz por detrás da pele. Entretanto, a resistência a se entregar ao chamado niilista não implica a negação do niilismo, e sim uma tentativa de viver a despeito do niilismo. Justamente esse elemento que levará à reflexão quanto à subjetividade.

A subjetividade, vista a partir do histórico de transmissão e recepção da herança advinda do contexto inglês que alcançara Pessoa por meio de sua educação, aparece como um elemento que se encontra diretamente ameaçado pela perda de um eu profundo. Está aí uma identidade, um ponto de apoio no qual se fincam os pés para não naufragar nas águas do niilismo. É na subjetividade que a resistência é trabalhada, ao mesmo tempo em que ela se torna o núcleo de articulação entre a constatação da presença do niilismo e uma busca por desejar confrontá-lo, mas não necessariamente superá-lo, e sim lidar com a realidade que ele traz. A estima que se faz à subjetividade é um recurso necessário e valorado em

um discurso niilista, visto que é a partir dela que se consegue atribuir um sentido àquilo que se torna um ponto de relação com o indivíduo.

O problema, contudo, é que Pessoa é uma *antologia*, é um *self* que não é concreto – valho-me, aqui, da etimologia latina da palavra concreto, *concrescere*, que significa crescer junto – a ponto de ser um monólito e, logo, sólido. É, sim, aquele *self* do ego sofismado, da subjetividade das máscaras. Pelo fato de a realidade não ter sentido em si mesma, a subjetividade se faz necessária. Assim, a face da fugacidade está em estreita relação com a subjetividade moderna. Aliás, a própria declaração “eu sou um nada”, feita em *Tabacaria*, demonstra que nem mesmo o seu próprio ser estava imune à crítica e ao julgamento, deixando entrever que o autor se sente quase que inescapável de uma ameaça de nadificação, ao passo que o seu espírito inquieto e questionador caminhava na tentativa de encontrar uma resposta que estivesse para além daquilo que lhe aparecia e parecia.

É nesse sentido que a subjetividade e niilismo são coexistentes no mesmo ato na obra pessoana. O mesmo eu que não é nada é um eu sobre o qual se tem uma certeza. É a subjetividade que habilita o indivíduo a relacionar-se com a realidade efêmera e sem sentido intrínseco. Todavia, sem a subjetividade o indivíduo anteciparia o seu fim, visto que iria ver-se como mais um objeto efêmero no meio de outros objetos efêmeros.

Esses são aspectos relevantes do contexto em que Pessoa obteve a sua educação formal. Afinal, a África do Sul ainda estava sob a égide da Inglaterra, vindo a conquistar a sua independência apenas em 1961. Pessoa, portanto, era um cidadão de formação anglo-africana, o que evidencia a sua experiência de vida orientada por temas efervescentes no horizonte britânico. A biblioteca de Pessoa ratifica essa compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fernando Pessoa está para além das personalidades literárias por ele criadas. Ou antes, ele é uma grande criação, uma obra de arte feita por seus livros. Entre o nosso poeta leitor e a sua biblioteca, está uma pergunta: o que ele deixou acontecer na medida em que lia os seus livros? Seriam as

multidões habitadas em Fernando Pessoa – as 136 personalidades literárias (Cf. Pizarro; Ferrari, 2017) – um espectro das multidões de leitura? Se sim, a pergunta da biblioteca só pode ser honestamente respondida quando se leva em consideração que o leitor/escritor é tanto ativo quanto passivo. O leitor é também lido; o escritor é também escrito. E a biblioteca – o livro – é o que interage com o leitor/escritor em uma relação de sujeito-objetivo.

Os livros que Pessoa lia deixam no ar a pergunta acerca do escritor no qual Pessoa se tornaria. Em síntese, eles não estão na estante por acaso, mas são reflexos de um porquê. Ao ler Pessoa, não consigo pensar em algum exemplo que fuja à relação etimológica e prática existente entre as palavras “sabor” e “saber”, tão viva na experiência de construir uma biblioteca, de receber um livro, de se deliciar na leitura. Pode ser que os reflexos dos porquês acerca da biblioteca pessoana estejam, em primeiro lugar, no contexto que lhe sobrepunha e, em segundo lugar, na sua decisão de ampliar a quantidade de fronteiras.

Há para mim um enigma inquietante: Pessoa buscava mais respostas ou mais perguntas? Talvez o tempo traga uma conclusão. Por ora, o que fica amalgamado, testemunhado como uma pintura rupestre nas paredes da literatura, é que a biblioteca está para além desse enigma, já que ela mesma é o enigma maior.

Enfim, é de se considerar que este trabalho possui alguns limites. O primeiro deles seria o próprio começo da investigação. Não se estabeleceu que se investigaria exaustivamente um ou outro tema em Pessoa. O tom ensaístico deste trabalho preocupou em abordar o aspecto geral do acervo pessoano. Em segundo lugar, ficaram de fora os rabiscos, as dedicatórias e outros traços que dariam um vigor maior à investigação sobre a biblioteca de Fernando Pessoa. Em terceiro lugar, não houve a preocupação em delimitar – em termos de data, de local, de idioma, de assunto etc. – o objeto em que se realizaria a pesquisa. A biblioteca particular de Pessoa seria digna de um tratado quantitativo e qualitativo, sendo este ensaio um pé de página acanhado e impróprio sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

CASA FERNANDO PESSOA. **Biblioteca Particular Fernando Pessoa.**

Disponível em:

<<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/index.htm>> Acesso em: 31 mai. 2023.

PESSOA, Fernando. **Carta a Armando Côrtes-Rodrigues.** Disponível em:

<<http://arquivopessoa.net/textos/3013>> Acesso em: 5 mai. 2023.

PESSOA, Fernando. **Carta a João Gaspar Simões.** Disponível em:

<<http://arquivopessoa.net/textos/2987>> Acesso em: 5 mai. 2023.

PESSOA, Fernando. **Carta a José Osório de Oliveira.** Disponível em:

<<http://arquivopessoa.net/textos/2993>>. Acesso em: 5 mai. 2023.

PESSOA, Fernando. **Carta à Tia Anica.** Disponível em:

<<http://arquivopessoa.net/textos/531>> Acesso em 5 mai. 2023.

PESSOA, Fernando. **Carta a Tomaz Colaço.** Disponível em:

<<http://arquivopessoa.net/textos/2093>> Acesso em: 5 mai. 2023.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caeiro.** São Paulo:

Companhia das Letras, 2010.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Álvaro de Campos.** São Paulo:

Companhia das Letras, 2015.

PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patrício (org.). **136 pessoas de Pessoa.**

Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2017.

ZENITH, Richard. **Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz.** Correspondência

Amorosa Completa, 1919-1935. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013.